

## Relevância socioeconómica da Formação Profissional

Muito obrigada, por esta oportunidade de poder falar com vocês. Eu vou falar sobre 3 pontos:

1. Primeiro: Situação económica existente em Angola
2. Segundo: Consequências socioeconómicas da situação económica existente
3. Terceiro: Exemplos de formação profissional a nível internacional

No final chegarei a algumas conclusões provisórias sobre a formação profissional na prática.

### 1. Situação económica existente em Angola

Como vocês conhecem bem a situação em Angola, apenas falarei rapidamente sobre os dados mais significativos.

Todos os anos milhares de pessoas surgem como mão-de-obra no mercado de trabalho. Angola tem uma população de dezoito milhões (18 mio) de habitantes e um crescimento populacional de dois virgula nove por cento (2,9%). A maior parte dos trabalhadores não são qualificados.

Em 2011 o número de trabalhadores foi estimado em 8,24 milhões (oito virgula vinte e quatro). Oitenta e cinco (85%) por cento trabalham na agricultura, 15 por cento na indústria e nos serviços. A **Organização Internacional para Migração** estima o número de desempregados em Luanda em sessenta (60%) por cento e noutros municípios em setenta (70%) por cento. O índice de desemprego no campo não é conhecido.

Trinta e sete (37%) por cento da população vive de um Dólar e setenta e cinco centimos por pessoa por dia, o que está abaixo da linha de pobreza.

Por outro lado, Angola é rica em petróleo e outros minerais. Os lucros provenientes do petróleo perfazem noventa (90%) por cento da exportação, oitenta (80) por cento do orçamento do Estado e mais de cinquenta (50%) por cento do produto social (PIB). Todavia, a forte dependência do petróleo e dos diamantes é problemática. As oscilações do preço no mercado mundial influenciam directamente a economia angolana.

Os dois sectores (petróleo e minério) não trazem o efeito desejado em termos de emprego. Desta forma, os seus efeitos económicos no combate à pobreza são pequenos.

No entanto, as receitas do petróleo dão a Angola as possibilidades financeiras de investir noutros sectores económicos para reduzir a dependência do petróleo.

Devido à da infra-estrutura deficitária há uma grande necessidade de investimento. O governo angolano trabalha intensamente para resolver este deficit. Contudo, os efeitos da guerra civil ainda são muito perceptíveis.

O Banco de Desenvolvimento Africano e a OCDE estimam que, em 2008, a percentagem de trabalhadores não qualificados era de:

- 94% (noventa e quatro) por cento no grupo de 15 a 19 anos
- 74% (setenta e quatro) por cento no grupo de 20 a 24 anos
- 68% (sessenta e oito) por cento no grupo de 25 a 29 anos

Só 12% das mulheres têm formação profissional. As mulheres angolanas são mais desfavorecidas do que outras mulheres africanas, tanto no sistema profissionalizante como no mercado de trabalho.

## **2. Consequências socioeconómicas da situação económica existente**

Tal como descrevi, a mão de obra não qualificada — não está em condições de contribuir para o incremento económico, que visa o aumento da produtividade e uma diversificação de efeito duradouro. Fazem falta trabalhadores especializados, mestres de obras e supervisores. Faz falta uma gestão de nível médio. Estas lacunas têm que ser compensadas por trabalhadores qualificados provenientes de outros países. Ora é problemático se também são utilizados trabalhadores estrangeiros para executar trabalhos simples, por exemplo, na construção civil. Assim, os trabalhadores angolanos não qualificados não podem participar no crescimento económico angolano.

A pobreza e o baixo nível de formação contribuem para que o mercado de trabalho se dividida num sector formal e num sector informal. O crescimento do sector informal deve-se principalmente à falta de possibilidades de trabalho na agricultura. Pessoas que querem trabalhar são forçadas a migrar: É o chamado êxodo rural.

Porém, estes trabalhadores muitas vezes não encontram uma ocupação nas regiões urbanas. O número dos postos de trabalho é limitado. Os imigrantes carecem da qualificação necessária. É possível que alguns migrantes encontrem um emprego simples no sector formal, mas este trabalho é mal remunerado. Assim, a maior parte dos trabalhadores tem que procurar um trabalho nos sectores informais como autónomos ou como diaristas. Não há segurança social.

A pobreza e o baixo nível de formação contribuem também para a existência de trabalhos forçados no sector da construção, no sector das minas e nos trabalhos domésticos.

Os vestígios da guerra não podem ser ultrapassados num curto espaço de tempo. São necessários de dez a vinte anos para a reconstrução. São necessários impulsos e incentivos para promover ciclos económicos a nível local em todo país.

Medidas de infra-estrutura podem transmitir um sinal visível. Por isso, o governo angolano deu início a um programa nacional para o melhoramento da situação da habitação.

Uma situação social precária da maioria da população é a maior ameaça à estabilidade política. A formação escolar e a formação complementar são os pilares básicos para a estabilidade económica. O chamado efeito “trickle-down” dos segmentos em crescimento da economia têm que chegar à maioria da população.

A formação é muito importante para o crescimento económico, para o aumento da competitividade e para o aumento do emprego. A formação é um instrumento com o qual pode ser alcançado o progresso económico, social e cultural.

Em 2011, Angola ocupou o último lugar (o número 138) na escala do Global Competitiveness Index (veja material de apoio).

O que poderão fazer os trabalhadores não qualificados - os jovens e as mulheres que não encontram perspectivas para alimentar uma família? Como poderão obter uma qualificação para poderem participar do crescimento da sociedade angolana?

Esse problema, ou seja, como fazer participar a sua crescente população, de preferência a curto prazo, numa economia de mercado e num país destruído pela guerra, não existe só em Angola. O Uganda também foi destruído pela guerra civil. A Eritreia e a Etiópia tiveram de reintegrar na sociedade milhões de soldados desmobilizados. A África do Sul foi obrigada a dar uma perspectiva aos jovens depois do fim do apartheid.

Todos esses países optaram por avançar em vias paralelas. Eles tentaram proporcionar rapidamente uma formação profissional ao sector informal, para assim os trabalhadores qualificados poderem ganhar a sua vida independentemente. E o governo estabeleceu as regras para a formação profissional.

Vou dar-vos alguns exemplos de outros países que eu visitei há dez anos. Eles mostram os princípios e os conceitos da qualificação a nível microeconómico. Penso que os exemplos demonstram como conseguir rapidamente ter sucesso nas áreas da formação profissional, de forma a dar perspectivas económicas aos envolvidos.

### **3. Exemplos de formação profissional a nível internacional**

#### **Exemplo da África do Sul**

Em mil novecentos e noventa e três (1993), fui à África do Sul contratada pela giz. O National Training Board da África do Sul queria obter informações sobre as condições-quadro políticas, económicas e do mercado de trabalho para a estratégia de formação profissional. A comissão sul-africana informou-se sobre as estratégias de formação profissional em países seleccionados na Ásia, Europa e América do Sul. Depois o National Training Board elaborou o seu próprio plano.

Eu aproveitei a minha estadia também para me informar sobre os programas de formação em curso. Visitei o Builders' Training Centre no Soweto. Este era um projecto de formação da Câmara de Comércio e Indústria Alemanha-África do Sul.

Nesta época, havia uma grande necessidade de encontrar trabalhadores profissionais de nível técnico e trabalhadores qualificados para o sector industrial. O Builders' Training Centre (BTC) fazia parte do projecto Technical Advancement Training Scheme (TATS). Cinquenta (50) por cento do projecto foram financiados pela Câmara e os outros 50% pela cooperação alemã para o desenvolvimento.

Pouco antes das eleições sul-africanas de 1994 (mil novecentos e noventa quatro) estavam previstas várias fases para o projecto. A primeira e urgente fase começou em 1992, como fase-piloto: um projecto de auto-ajuda no Soweto. No BTC, homens sem formação profissional foram treinados para o sector da construção civil, já que nos townships havia uma grande necessidade de construir casas simples e a baixo custo.

O BTC proporcionou conhecimentos simples a pedreiros, canalizadores e carpinteiros. Ao fim de um ano, os participantes - em conjunto ou sozinhos - estavam em condições de construir uma casa simples.

Os programas de ensino foram elaborados pelo “Building Industries Federation of South Africa” (BIFSA), uma instituição privada. Depois de um bem sucedido exame final o BIFSA atribuiu um certificado reconhecido.

Em grupos de 12 aprendizes, cada grupo recebeu uma formação de 2 meses em trabalhos de pedreiro, de rebocador, trabalhos de canalizador e carpinteiro. Depois disso houve uma formação de 4 meses realizada na prática, o que significa que estes aprendizes tiveram de construir, sob monitoria dos formadores, pequenas casas e pequenos anexos no Soweto. No final foi realizado um exame de conclusão do curso.

Este projecto teve um carácter modelo e mostrou o caminho a outros projectos na África do Sul. Durante a formação, os aprendizes reconheceram que podiam ganhar dinheiro com os seus conhecimentos. Durante o fim-de-semana eles pediam emprestadas as ferramentas e assim puderam colocar em prática os conhecimentos adquiridos e também receber uma renumeração.

### **Exemplo Eritreia**

Em 1996, 4 anos depois da sua independência, a **Eritreia** estava numa fase de transição muito difícil, tanto politicamente como economicamente. Mas a **Eritreia** conseguiu fazer a integração económica de milhões de refugiados e também de soldados desmobilizados. Esse processo deu-se de forma elementar.

Durante três anos, 4 500 (quatro mil e quinhentas) pessoas foram formadas num programa profissionalizante no sector informal. A maior parte delas no sector da construção civil. Quase todos conseguiram depois trabalhar como assalariados ou como autónomos. Os cursos decorreram em duas escolas técnicas e nas salas das escolas do ensino secundário geral .

Em regiões sem instituições de formação profissional os aprendizes foram formados em instituições móveis ou temporárias.

80 por cento da formação teve carácter prático e 20 por cento teórico. Os aprendizes construíram as suas casas e oficinas. O fundamento da formação foi a aplicação do currículo da ILO (OIT) “módulos de competências de empregabilidade”. A duração do curso foi de 6 meses. Depois da formação os participantes receberam uma caixa de ferramentas.

As pessoas que passaram a trabalhar como autónomas tiveram problemas em obter capital, em avaliar a situação dos mercados e em obter conhecimentos de comercialização e de cálculo de custos.

Os instrutores tinham diversos tipos de formação. Alguns eram artesãos com muita experiência, outros eram autónomos, alguns trabalhavam como trabalhadores especializados. Mas a maior parte não tinha uma formação pedagógica.

A colaboração com as empresas não foi satisfatória. Muitas empresas não puderam colocar à disposição a qualificação necessária para a formação.

Este programa teve um efeito económico e social. A maior parte dos participantes puderam ganhar dinheiro e sustentar os seus familiares. Houve movimentos migratórios que foram determinantes para a reconstrução de regiões e cidades destruídas. O programa contribuiu para o desenvolvimento do sistema de formação não formal e impulsionou o desenvolvimento do sistema profissional de formação.

## Conclusões provisórias

Eu espero ter podido demonstrar a relevância socioeconómica da formação profissional, ainda que de maneira sucinta.

A questão agora é como se pode pôr em prática os conhecimentos obtidos na formação profissional.

Parto do princípio que estamos de acordo que a precária situação social de grande parte da população é a maior ameaça para a estabilidade política. Esta situação precária deve ser combatida com uma formação profissional e perspectivas económicas.

Que mecanismos e estruturas são necessários para levar em conta as seguintes condições relevantes para a prática da formação profissional?

- Os factores sociais e económicos
- A relação entre as actividades económicas e a vida social
- A oferta e a procura no mercado de trabalho
- Os diversos grupos alvo (jovens, raparigas e rapazes, mulheres, desempregados, qualificados, não qualificados)
- O contexto histórico (situação da vida e formação) dos participantes

Creio que é necessário:

- Conhecer as necessidades das empresas dos sectores formal e informal, local e nacional
- Organizações de cúpula que consideram os interesses da indústria privada, de autoridades locais e organizações não governamentais (ONGs) e têm um interesse pela formação profissional
- Investigar possibilidades de cooperação (joint ventures) no sector de formação profissional entre investidores internacionais e parceiros locais
- Apoiar empresas que estão dispostas a disponibilizar a utilização dos equipamentos para a formação de aprendizes; um exemplo desse apoio seria os instrutores das empresas poderem receber uma formação complementar. Estas empresas também podem receber um apoio técnico.
- Estas empresas devem ser avaliadas para se saber se estão seriamente interessadas em participar na formação qualificada. Há que impedir efeitos de apenas aproveitar vantagens.
- Devem ser estabelecidos diálogos entre os parceiros da formação profissional (empresas, instituições, câmara de indústria e comércio) nos níveis nacional, regional e local, sendo assegurados eventualmente através de acordos tripartidos.

Para poder implementar tudo isto é necessário paciência, tempo e pessoal. É preciso dar passos pequenos. Vai haver retrocessos. Mas o trabalho conjunto permitirá que os processos de melhoramento da formação profissional avancem.

Luanda, 27.03.2012  
Dr. Hannelore Börgel